



SUSANNE LIEDER

Agatha  
CHRISTIE

E A TRAJETÓRIA DO MISTÉRIO

uma história de esperança no amor  
e conquista nos romances policiais

Tradução  
LEANDRO CAVALCANTE

**TORDSILHAS**



**CASA ASHFIELD —  
CIDADE DE TORQUAY,  
INGLATERRA**

Verão de 1926

AMOSTRA

Agatha estava ajoelhada na sala de estar da casa dos pais, rodeada de caixotes, malas, caixas para guardar chapéus e porta-joias. Alguns desses objetos já estavam vazios, enquanto outros esperavam para ser revistados e minuciosamente inspecionados. Depois disso ela iria decidir o que guardaria e o que daria.

Agatha crescera naquela casa. Seus pais haviam se mudado para lá após o nascimento de sua irmã mais velha, e, com o tempo, haviam acumulado muitas coisas – tantas que ela, ao chegar na casa alguns dias antes, fora de um quarto para o outro se perguntando, com espanto, por onde deveria começar.

A morte da mãe na primavera fez com que Agatha ficasse completamente sem chão, literalmente sem palavras, e, no início, incapaz de agir. Dia após dia, hora após hora, só conseguia ficar sentada e olhar para o vazio. Sua vida seguiria em frente, claro; ela sempre seguia. Mas como?

Agatha se levantou letargicamente e começou a vagar pelo quarto. As cortinas estavam fechadas pela metade, um raio de sol atravessava a janela, fazendo os grãos de poeira dançarem no ar. Antes, ela teria contemplado aquela cena, teria sorrido e estendido a mão, como se pudesse pegar a luz e retê-la por um instante.

Ela se dirigiu à janela, cruzou os braços e contemplou o jardim. Como se estivesse olhando através de uma névoa, percebeu os galhos da faia balançando suavemente ao sabor do vento, enquanto um melro pousava em um dos ramos e começava a limpar as penas. Algumas rosas já murchas nos arbustos davam testemunho de que sua mãe não conseguia mais cuidar delas havia algum tempo.

— O jardim é o cartão de visitas de todo inglês — costumava dizer a mãe, — assim como os *scones* no chá da tarde.

Ah, como ela adorava aquele jardim!

“Como eu amava sentar ao seu lado no sofá e tomar uma xícara de chá”, pensou Agatha enquanto sufocava o impulso de expressar sua dor com um grito. Não adiantaria nada expressá-la assim; além do mais, já fizera isso havia muito tempo.

Agatha passeou novamente pela sala, recordando como aquele ambiente era antes, quando ainda era uma garotinha e seu mundo era feito de brincadeiras e planos. Esses planos tinham como horizonte apenas o dia seguinte. Decidir, por exemplo, se deveria vagar pelo bosque em busca de esquilos. Ou se seria melhor equilibrar-se na mureta, na esperança de encontrar uma lagartixa.

Seu pai lhe dera um cachorro de presente no seu aniversário de 5 anos, um *yorkshire terrier*. Tony a acompanhara em todos os momentos.

— Mas não pode mimá-lo demais — dissera o pai. — Ele precisa saber quais são os limites. Você precisa mostrar para ele.

Agatha prometeu solenemente que levaria a sério esse conselho.

Ela viu seu pai sentado na poltrona ali no canto, perto da janela, com o jornal aberto.

— Sente-se aqui comigo, Agatha. Vou ler algo para você.

Agatha observou os irmãos correndo pela sala, quase derrubando a mesinha de apoio. Atrás deles, sem largá-los um minuto, vinha Nursie, a babá.

— Se eu pegar vocês! Cuidado com o vaso! Prestem atenção, pelo amor de Deus!

As lembranças ainda eram muito vívidas e entristeciam Agatha. Ela deixou a sala e foi para a cozinha preparar água para o chá.

— Tomar chá sempre ajuda — dizia Nursie. — Seja para uma dor de barriga ou para um joelho machucado, e até mesmo para a tristeza.

Enquanto a chaleira chiava, Agatha ficou parada com o rosto impassível, com a mandíbula tão tensa que o maxilar começou a doer. Quando a chaleira apitou, ela despejou a água fervente no bule. As lágrimas turvaram sua visão, e Agatha pigarreou energicamente. “Pare de chorar! Isso não vai ajudar em nada!”

Só então percebeu que havia esquecido de colocar as folhas de chá no bule.

Com um leve soluço, afundou-se em uma cadeira e escondeu o rosto entre as mãos.

Meu Deus, ela estava com quase 36 anos e sentia-se como uma velha. Estava confusa, com a memória falhando e tão exausta que mal conseguia se manter em pé.

“A vida vai continuar, Agatha, você sabe disso. Levante a cabeça, olhe para a frente! Sempre para a frente.”

Ela tomou seu chá e, quando o sol se pôs, deitou-se vestida em sua antiga cama e se lembrou do rosto de sua mãe. E se algum dia o esquecesse?

O pai de Agatha faleceu quando ela tinha 11 anos.

Com isso, não apenas sua infância despreocupada chegou ao fim de forma abrupta, mas toda a sua vida mudou.

As dificuldades financeiras já haviam começado anos antes. Seu pai vinha de uma família abastada e sempre teve uma renda garantida, sem precisar mover um dedo. Morreu um dos administradores que o apoiaram ao longo dos anos e garantiram que ele e sua família pudessem levar uma vida despreocupada, e outro foi acometido por uma doença grave. Além disso, parecia que os administradores haviam se entusiasmado em também enriquecer pessoalmente. Para o pai de Agatha, aquilo fora um choque profundo. Ele sabia que Deus era bom e justo, mas não entendia nada dos negócios do pai, os quais haviam possibilitado sua riqueza.

Ao longo dos anos, o pai de Agatha havia adquirido inúmeras pinturas a óleo, além de móveis valiosos e extremamente elegantes, e tudo isso precisou ser vendido, um objeto após o outro. Economizar passou a ser o mais importante; assim eles esperavam conseguir sobreviver.

Para Agatha, vender os móveis e as pinturas não era difícil, mas o que a entristecia era ver seu pai se tornando cada vez mais calado e adoentado. Até então, ele era um homem radiante e despreocupado, que saía de casa pela manhã, pegava a carruagem até o seu clube e voltava à noite de bom humor.

No entanto, toda aquela economia não estava adiantando nada, então os pais de Agatha decidiram alugar a Casa Ashfield e os criados, e mudar-se para a França por um tempo, onde a vida era mais barata.

O casamento dos pais era para Agatha uma joia que se admirava em silêncio e que dava alegria de ver. Eles se amavam sinceramente, tratavam-se de maneira afetuosa e cuidadosa, como se não ousassem nem mesmo elevar a voz na presença um do outro. Desde cedo, Agatha sabia que

desejava ter uma joia assim um dia. Gostaria de ser pianista ou cantora, mas ter um casamento feliz era sua prioridade.

Na França, seu pai precisou consultar um médico duas vezes, que diagnosticou nele uma doença renal. Ao voltar à Inglaterra, sua condição não melhorou, e ele se colocou aos cuidados do médico da família. Este, no entanto, fez um diagnóstico diferente, e assim foram consultados outros médicos, todos considerados especialistas. Cada um apresentava um diagnóstico diferente e acreditava que era o correto. No final, ninguém sabia mais qual era a verdadeira enfermidade do pai de Agatha.

Ele estava cada vez mais fraco e tinha de falta de ar.

Ela sofria com o pai e sofria também com a mãe, que não queria se afastar do esposo. Agatha nunca antes a vira tão desanimada, tão abatida.

As preocupações financeiras também não diminuía. O pai havia herdado imóveis em Nova Iorque, que estavam alugados, mas praticamente não geravam nenhuma renda. Em certo momento, além de sua saúde já debilitada, ele contraiu um resfriado que evoluiu para uma pneumonia.

Agatha perambulava inquieta pela casa, com um pressentimento sombrio. Será que ele morreria? Será que seu amado pai a deixaria?

Ao subir as escadas, viu sua mãe saindo do quarto com um soluço sufocado, desaparecendo no cômodo ao lado. O som da chave girando na fechadura deixou Agatha paralisada, o coração subindo até a garganta, o sangue fazendo um ruído nos ouvidos como o vento do mar.

Seu pai estava morto. Ela soube antes que alguém lhe contasse.

Aquele foi o dia em que sua infância terminou bruscamente.

Depois disso, viveu sozinha com a mãe e poucos empregados em Ashfield. O medo de também perdê-la às vezes quase dominava Agatha, mas ela escondia isso para poupar a mãe.

Agatha conseguira dormir algumas horas, mas, ao tentar se levantar, sentiu como se suas pernas não fizessem parte do próprio corpo. Nunca antes se sentira tão triste, tão doente. Ela sempre fora uma pessoa muito forte, sem frescuras, que não reclamava. Agora, porém, achava que estava perto de ficar seriamente doente — ou que já estava. Não sentia fome, nem mesmo o mais leve apetite. Quando havia se alimentado pela última vez? Não lembrava.

Como no dia anterior, e nos dias que o precederam, Agatha vagava inquieta pela casa. Em um dos cômodos, encontrou um envelope com

várias notas de cinco libras e, por fim, envolto em uma meia, o antigo broche de diamantes de sua avó. Surpresa e agora mais determinada, ela continuou sua busca: sob a cama, no fundo do guarda-roupa, em cima e embaixo dele — para fazê-lo, precisou deitar-se de bruços e esticar o braço —, e até mesmo sob uma tábua solta do assoalho. O que mais a avó — Agatha não tinha dúvidas de que havia sido ela — poderia haver escondido?

De bruços, Agatha permaneceu deitada sobre o tapete, de olhos fechados. Depois de alguns minutos, levantou-se novamente.

Decidiu que pegaria o carro e sairia para dar uma volta. Talvez isso a fizesse pensar em outras coisas e, pelo menos por algum tempo, distraísse sua cabeça.

Pouco depois, já pronta para sair, estava diante de seu carro, estacionado na beira da rua. Com uma das mãos, acariciou o capô, que brilhava ao sol. Aquele carro era um presente que ela mesma se dera.

O céu estava quase sem nuvens, os pássaros cantavam, e sentia-se no ar o cheiro do mar, de flores doces e de cerejas maduras.

Torquay era uma cidadezinha encantadora na costa sul da Inglaterra; um lugar de repouso com clima ameno, e por isso era muito apreciado por turistas que gostavam de passear pela praia e sentir a brisa, geralmente suave, no rosto. Os jardins dos moradores da cidade eram bem cuidados, alguns muito pequenos, outros grandes como um parque. A maioria era cercada por sebes, e muitos tinham também muros de pedra, fáceis, porém, de escalar. E era uma delícia — e às vezes um desafio — equilibrar-se em cima deles. Novamente, Agatha foi brevemente transportada para sua infância. Quantas vezes sua mãe ralhara com ela ao vê-la escorregar nos muros cobertos de musgo e esfolar os joelhos.

Um casal de idosos passou por Agatha, saudou-a gentilmente e continuou seu passeio. “Turistas,” ela pensou, “eles, sim, aproveitam a vida, o verão, a companhia.”

Ela ouviu o próprio suspiro. “Eu deveria parar de me torturar,” pensou, balançando a cabeça enquanto se inclinava para pegar a manivela do veículo. Um breve e infantil sentimento de entusiasmo com aquele simples passeio de carro tomou conta dela. Era maravilhoso dirigir correndo por aí.

Esse sentimento se dissipou tão rápido quanto surgiu, e ela se envergonhou de ter sentido algo assim. Como poderia se permitir sequer um lampejo de felicidade enquanto estava de luto?!

Agatha girou a manivela. Girou e girou. E girou de novo.

O motor não pegava. Ela se esticou e tentou de novo. “Maldito carro! Vamos lá!”

Mas o carro não deu sinal algum. Agatha sentiu as lágrimas começarem a surgir e se perguntou, confusa, se realmente estava tão irritada.

Pegou a bolsa, que tinha deixado sobre o capô, pressionou-a contra o peito e voltou para casa com passos firmes. Destrancou a porta, parou perplexa no saguão e tentou respirar. Só quando soltou um soluço alto percebeu que estava chorando. Com os ombros trêmulos, correu para a sala e jogou-se no sofá.

Algum tempo depois, sentou-se e assoou o nariz, e os pensamentos que lhe vieram à mente não eram nada bons. Pelo contrário, eram assustadores e profundamente inquietantes. Será que estava ficando louca?

Desabou em lágrimas só porque o carro não pegava — isso só podia ser um sinal de que algo estava errado com ela. Agatha pegou uma almofada e a envolveu com os braços. Daria qualquer coisa para poder dizer à mãe, só mais uma vez, o quanto a amava. E o quanto estava sentindo sua falta.

Mas teria de se contentar com as lembranças, pois era tudo o que lhe restava.



I

**OS ANOS DE 1908-1910**

Anos de viagem

AMOSTRA

## CAPÍTULO 1

### PARIS

Agatha estava sentada no banco do piano, com as mãos sobre as teclas, os olhos fechados. As costas e os ombros doíam de tanta tensão.

“Concentre-se!”

Já ficara paralisada duas ou três vezes, tocara uma nota errada e desejara que o chão se abrisse para que ela desaparecesse. Agatha logo percebeu que novamente tocara uma nota errada.

Ansiosa, lançou um olhar para a direita, onde estava *Madame* Legrand, sua professora de piano, cuja expressão era assustadoramente severa, com a boca contraída.

Agatha suava. Já havia se envergonhado até a medula, e não era a primeira vez. No dia anterior, conseguira tocar a Sonata *Pathétique*, de Beethoven, sem erros, ainda que a tarefa não tivesse sido fácil. Talvez devesse finalmente admitir: gostava da ideia de ser uma pianista, mas tocava apenas de forma mediana.

Era especialmente difícil quando precisava tocar diante de uma plateia. Seus dedos pareciam rígidos e sem movimento, como se não fossem dela; era impossível deslizá-los pelas teclas.

— *Mademoiselle* Miller — pigarreou *Madame* Legrand. — Talvez seja melhor pararmos por aqui — ela disse com um suspiro, deixando claro que a aluna era um caso perdido. — Seria melhor a senhorita e sua mãe voltarem para a Inglaterra.

Antes de começar a chorar, Agatha pulou do banco e correu até a porta. E foi ali que percebeu que estava sonhando.

Com um aliviado “ufa!”, despertou e sentou-se na cama. O travesseiro estava úmido, provavelmente não de lágrimas, mas de suor.

— Graças a deus foi só um sonho — murmurou ela, e deitou-se novamente nos lençóis.

Ela tinha quinze anos quando viera a Paris com sua mãe para estudar em um internato feminino. Chegara havia mais de dois anos; no final do verão completaria 18 anos.

O internato, o mesmo onde sua irmã Madge estudara, havia mudado.

— Está piorando cada vez mais — dissera sua mãe. E Agatha suspeitava o que isso significava: que ela já estava procurando um novo internato. A mãe nunca perdia tempo, e, quando colocava algo na cabeça, precisava resolver a questão, de uma forma ou de outra. Desilusões e decepções não a intimidavam nem um pouco. Ela logo traçava novos planos.

Agatha adorava andar pela cidade de metrô ou de ônibus e perambular pelo mercado de flores. Não sozinha, é claro, mas sempre acompanhada de uma senhora mais velha, que *Madame* Legrand ou sua mãe colocavam como sua companhia. Uma jovem senhorita não podia andar sozinha por Paris — Agatha sabia muito bem disso. Uma tal postura deporia contra sua educação e ainda poderia fazer com que os cavalheiros tivessem pensamentos inadequados.

Na Inglaterra, as pessoas eram um pouco mais flexíveis quanto a isso.

Agatha sabia que teria que procurar um marido, de preferência logo. Essa ideia não lhe agradava muito, pois ainda não encontrara ninguém por quem pudesse se apaixonar. Mas o que ainda não havia acontecido poderia vir a acontecer.

Ela adorava visitar museus, ir ao teatro e à ópera. Absorvia tudo como uma esponja.

Até que sua mãe, obstinada como sempre, anunciou o que Agatha temia: que seria melhor mudar de internato.

— Como eu disse, Agatha, este lugar está cada vez pior, e quero que você receba uma educação adequada.

Assim, a jovem foi parar no internato da Srta. Dryden, que cuidava de doze meninas — inglesas, americanas e, claro, francesas. Agatha gostou do novo internato. As aulas eram divertidas, certamente porque o foco era a música. Como nunca havia frequentado uma escola na Inglaterra, pois havia sido educada pela mãe, ela adorava sobretudo a convivência com as colegas. Conversas, risadas, brincadeiras e cochichos sobre rapazes bonitos.

Todas as noites, quando estava deitada em sua cama, Agatha dizia a si mesma que talvez pudesse se tornar uma pianista mais do que razoável. Mas, no fundo, já não acreditava muito nisso.

Agatha também adorava cantar e fazia aulas de canto com o *Monsieur* Boué, um cantor de ópera com uma bela voz de barítono. Ele morava em um prédio de vários andares sem elevador. Na Inglaterra, Agatha tinha jogado golfe, críquete e tênis, cavalgado e, com grande entusiasmo, andado de patins. Estava, portanto, acostumada à atividade física, mas subir as escadas até o quinto andar era um desafio. Chegava ofegante e com a respiração pesada à porta do *Monsieur* Boué.

Certa vez, ele a examinou sem a menor compaixão e disse, em primeiro lugar, que Agatha não devia fazer tanto drama e, em segundo, que não era surpresa ela estar tão ofegante, pois respirava de forma completamente errada.

Como alguém poderia respirar de forma errada? Isso era um mistério para Agatha, mas ela não queria contrariá-lo.

*Monsieur* Boué deu alguns tapinhas nos ombros dela e ordenou-lhe que respirasse fundo. Ela obedeceu, e ele correu para pegar uma fita métrica, que enrolou ao redor do tórax da jovem, na altura do diafragma. — E agora respire bem fundo, *Mademoiselle*. Céus, mas não assim! O que a senhorita está fazendo?

— Estou respirando.

— Errado, totalmente errado. — Ele balançou a cabeça, suspirou em total desalento e mostrou a maneira correta.

Agatha sorriu, mas conseguiu disfarçar.

— Cantar é uma questão de respirar bem. Tente novamente, *Mademoiselle*, não desista.

— Eu nunca desistiria de respirar — respondeu ela, e o professor a olhou com um ar severo.

— Respirar corretamente é algo sério, *Mademoiselle*. Como espera cantar se não respira do jeito correto?

— Bem...

O *Monsieur* Boué estalou a língua, observou a fita métrica, que subia e descia com a respiração dela, e finalmente assentiu.

— Já está melhor.

Sua voz era “aceitável”, segundo ele, mas aconselhou que a jovem praticasse o canto como mezzo-soprano para desenvolver a faixa vocal intermediária. Enquanto Agatha cantava, ele caminhava em volta dela de braços cruzados, com o queixo apoiado na mão direita, murmurando consigo mesmo.

— Há quanto tempo está em Paris, *Mademoiselle*?

— Dois anos, *Monsieur*.

— A senhorita fala francês muito bem.

— *Merci*.

Ela desejava que sua gramática fosse boa, mas deixava muito a desejar. Agatha aprendera francês de ouvido, e era boa nisso. No entanto, quando precisava escrever o que ouvia, os resultados eram desastrosos para seus professores.

— Não é *autel*, *Mademoiselle*, é *hotel* — corrigiam-na —, e não estamos falando de sua fé, e sim de fígado. *Foie*, *Mademoiselle*, não *foi*.

— Mas soa exatamente igual, e eu pensei... — Não importava o que ela pensasse, continuava confundindo palavras com som semelhante.

— Vamos começar de novo — ordenou *Monsieur* Boué, colocando-se diante dela. — Boca bem aberta. Abra mais.

“Se ele olhar mais fundo na minha garganta, vai ver o que eu comi no almoço”, pensou ela, engasgando-se por acabar rindo.

Ela olhou com uma expressão interrogativa e um pouco indignada, pois não entendeu de forma alguma o que poderia ser tão engraçado.

— *Pardon* — ela se retratou.

— Tsc. — O professor balançou a cabeça novamente.

“Hoje à noite ele vai ter dor no pescoço”, Aghata pensou, e novamente sentiu uma dor no diafragma.

— A senhorita quer ser cantora? — perguntou *Monsieur* Boué de repente.

— *Oui*. Ou pianista. Ou os dois.

— Ah, entendi. — Ele a olhou. — Bem, veremos.

Agatha olhou discretamente para o relógio de parede. Hora do chá.

— *Mademoiselle*?

— *Pardon*.

Um chá quente e maravilhoso, com um ou dois *scones* ou um pouco de biscoito de gengibre. Seu estômago roncou, e ela conteve um suspiro.

Quando bateu a porta da casa do professor mais tarde ao sair, teve que lutar contra a saudade de casa. Agatha gostava de morar na França, mas a França não era a Inglaterra. Além disso, sentia que seu objetivo de um dia se tornar uma música famosa estava mais distante do que nunca.

Agatha continuava estudando incansavelmente, progredindo e aproveitando a vida. Também incansavelmente lutava contra a saudade de casa. Uma vez, ouviu sem querer três colegas conversando sobre ela.

— Ela é tão maravilhosamente estranha, não acham? Mas é legal. “Estranha?”, pensou ela, surpresa. O que havia de estranho nela?

Membros do elenco da *Comédie Française* vinham ao internato e faziam palestras sobre *Molière*, por exemplo, e cantores do Conservatório se apresentavam para elas. Era maravilhoso, e Agatha sempre se sentava na primeira fileira, aplaudindo com mais entusiasmo que todo mundo. Sua professora, *Madame* Legrand, olhava-a de vez em quando com desaprovação, e a jovem fingia não perceber.

— A senhorita precisa aprender a controlar seu temperamento — Agatha era obrigada a ouvir depois.

À noite, as jovens estudantes às vezes visitavam a *Comédie Française*, e Agatha prendeu a respiração de tanta euforia quando a famosa Sarah Bernhardt subiu ao palco. Havia a imaginado uma pessoa diferente e, então, sussurrou no ouvido de Marie, que estava ao seu lado:

— Confesso que estou um pouco decepcionada.

— Por quê?

— Ela é tão... Velha.

Isso era verdade, mas, ainda assim, Sarah irradiava dignidade e elegância.

A Srta. Dryden deu um curso de atuação para as alunas, do qual Agatha participou com entusiasmo. A jovem adorava fazer o papel de heroína trágica, e dava tudo de si, levantando a voz e gesticulando de forma teatral.

— Foi muito bonito, *Mademoiselle* — comentou a Srta. Dryden depois. — Mas, às vezes, menos é mais.

Havia algum tempo que Agatha vinha fazendo aulas de piano com o *Monsieur* Fürster, que não era francês, mas austríaco.

Ele era um bom professor, embora extremamente rigoroso, quase intimidante. Enquanto Agatha tocava, *Monsieur* Fürster caminhava pela sala, olhava os vasos de plantas, examinava as folhas, mexia a cabeça concordando ou, se tivesse esquecido de regá-las, discordando, e então voltava a caminhar, pegava um livro da prateleira, abria-o. Folheava as páginas, murmurava algo, fechava o livro e devolvia-o à prateleira.

No início, Agatha achava que o professor não estava prestando atenção. Por que ele aceitaria alunas, se não se interessava pelo que tocavam? Seria só pelo dinheiro?

Até que ela tocou uma nota errada, e, de repente, ele estava ao seu lado, sacudindo a tampa do piano. Assustada, Agatha tirou os dedos do teclado.

— *Mademoiselle!* — exclamou o professor, atônito. — Mas o que foi isso?

— *Pardon, Monsieur* — disse ela baixinho, com o olhar envergonhado fixado no chão.

— *Pardon?* — ele bufou. — Isso não resolve, *Mademoiselle!* Quer me ofender, ou ofender Chopin?

— Oh, isso não foi de jeito nenhum minha...

— *Mon Dieu!* — *Monsieur* Fürster não conseguia se acalmar, como se a nota errada tivesse sido um ataque pessoal contra ele.

Com o tempo, Agatha foi se acostumando com seus estranhos surtos e entendeu que sua adoração por Chopin era o motivo daquele seu jeito. Cada nota errada lhe causava uma dor na alma.

— Não toque apenas com as mãos, *Mademoiselle* — disse ele certa vez, ao lado do piano, ouvindo com atenção a valsa que ela estava tocando. — A senhorita precisa tocar Chopin também com o coração.

*Monsieur* Fürster inclinou a cabeça, e Agatha se convenceu de que isso era um sinal de simpatia. Ele franziu os lábios e fez um gesto de aprovação com a cabeça.

— Isso foi bastante razoável. Mais uma vez, do começo, *Mademoiselle* Miller.